

A VISIBILIDADE DO SACRADO  
— RELÍQUIAS CRISTÃS NA IDADE MÉDIA —

PAULA PINTO COSTA  
RENATA CRISTINA DE SOUSA NASCIMENTO

  
EDITORA  
PRISMAS

## Prefácio II

O estudo sobre as relíquias e a importância de seu culto no contexto da vivência religiosa medieval constitui – se, desde há muito tempo, um fértil campo de trabalho. Atraídos pela importância que as relíquias assumiram no quadro da experiência religiosa, em especial dos séculos centrais da Idade Média, muitos historiadores têm-se debruçado sobre as origens, a diversidade e os modelos de culto suscitados por estes objetos. Tanto a obra já clássica de André Vaucher<sup>11</sup> como o estudo mais recente de Robert Bartlett<sup>12</sup> sobre a espiritualidade e a devoção medievais, são apenas dois exemplos privilegiados da ampla produção que enquadrou o estudo das relíquias e do seu culto no quadro de uma vivência religiosa mais ampla.

Tidos como exemplos privilegiados da espiritualidade medieval e como elementos particularmente representativos da necessidade de criação de “símbolos vivos e palpáveis da presença de Deus” (VAUCHEZ, 1975: 147) por parte da sociedade medieval, a sua existência é inseparável da noção de milagre e, como tal, da capacidade de reconhecimento, por parte do fiel cristão, da intervenção divina no quotidiano temporal. Tal como Robert Bartlett realçou, à importância assumida pelo túmulo vazio no contexto da religião cristã, enquanto símbolo da ressurreição de Cristo, o culto das relíquias opõe o caráter corpóreo dos objetos de culto. Ao compreender, maioritariamente, restos físicos dos mártires ou objetos ou partes destes que, de alguma forma, tinham estado em contato com Cristo ou com os mártires, este culto aproximava o fiel do concreto.

11 André Vaucher, *La Spiritualité du Moyen Age occidental VIIIe-XIIIe siècles*, Paris, PUF, 1975.

12 Robert Bartlett, *Why can the dead do such great things? Saints and worshippers from the Martyrs to the Reformation*, Princeton, Princeton University Press, 2013.

E foi na busca do poder exercido por esses “símbolos palpáveis” que os séculos medievais assistiram à criação de rotas de peregrinação que atravessavam a cristandade, em busca de lugares onde relíquias privilegiadas eram guardadas e cultuadas bem como de rotas de guerra que, através do movimento das cruzadas, procuravam chegar aos locais originais da cristandade.

A atração exercida por estes objetos atravessava, assim, o espaço cristão. Integradas em procissões, levadas para a guerra por senhores e reis, cuidadosamente colecionadas por instituições ou por fiéis economicamente privilegiados, as relíquias transformam-se em vestígios fundamentais da vivência religiosa nos séculos da Idade Média central, apesar da origem deste culto recuar aos séculos iniciais da Alta Idade Média. A sua posse podia ser fonte de conflito, e as mudanças de local estiveram na base da criação de um gênero narrativo analisado, de forma inovadora, por Patrick Geary nos finais dos anos 70 do século XX<sup>13</sup>.

Enquadradas numa prática cultural e num discurso religioso, as relíquias assumiram, assim, um lugar central na tenetativa de criação de uma identidade cristã coincidente com um determinado território europeu, fosse pela ligação entre o fiel e a divindade que propiciavam, fosse por seu papel na difusão do culto dos santos, ou tão só pelo desenho de rotas de peregrinação e de mobilidade de gentes e de bens. Objetos de culto, as relíquias foram igualmente e desde cedo, aproveitadas pelos poderes senhoriais e régios, como elementos centrais no processo de construção da sua legitimidade e do caráter devoto dos seus protagonistas. Se a coroa de espinhos ligada à realza francesa<sup>14</sup> é talvez o caso mais conhecido, outras monarquias e instituições protegeram e utilizaram as relíquias, tal como é demonstrado neste livro que agora se apresenta.

13 Patrick Geary, *Firta Sacra. Thefts of relics in the Central Middle Ages*, Princeton, Princeton University Press, 1990. (edição original de 1978).

14 Chiara Mercuri, *Saint Louis et la couronne d'épines. Histoire d'une relique à la Sainte-Chapelle*, Paris, Riveneuve editions, 2011.

Renata Cristina de Sousa Nascimento e Paula Pinto

Costa, autoras desta obra, confrontam-se, pois, com uma longa e ampla linha de produção que, em diferentes historiografias, tem centrado a sua atenção no estudo das relíquias e do seu culto no contexto da sociedade medieval. E utilizam-na de forma clara, completando-a com uma bibliografia que inclui fontes narrativas e publicadas e produção historiográfica, nomeadamente em língua portuguesa. Assumindo-se como uma obra de reflexão geral sobre a presença das relíquias cristãs na Idade Média, tal como é, desde logo, enunciado no título, o livro em causa articula, de forma feliz, diferentes níveis de abordagem.

Tomando como base principal de apoio alguns discursos sobre as relíquias, Renata Nascimento reflete, no primeiro capítulo, sobre a importância, a amplitude e a difusão do seu culto através da expansão do culto aos Santos Mártires. Desta forma era estabelecida uma linha cronológica de continuidade entre o tempo da perseguição e o tempo da vitória do cristianismo. Realçando a importância de determinadas relíquias como é o caso do Santo Sudário, a autora debruça-se ainda sobre os diversos modelos de religiosidades vigentes, convocando para tal o caso do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, instituição cruzada de importância central na história portuguesa dos séculos XII e XIII, e em torno da qual o culto aos Cinco Mártires de Marrocos se desenvolveu. Objeto de um estudo magistral de Luís Krus que analisou a expansão e permanência deste culto ao longo do século XV, a narrativa do sacrifício destes cinco frades que buscaram, de forma incessante, o martírio apesar de todas as tentativas para os dissuadirem, constitui um ponto de partida para um culto que terá em Santa Cruz um dos seus centros de peregrinação popular.

A importância dada às relíquias explica a relevância conferida à sua posse e logo a importância dos roubos e das falsificações que marcaram os séculos medievais, e cujo impacto é aqui também abordado. A “*translatio*”, autorizada ou não, de reil-

quias alimentou relatos e confrontos entre instituições e dioceses. O caso do longo conflito que opôs Braga a Compostela, no contexto do qual Diogo Gelmirez teria protagonizado o roubo de algumas das mais importantes relíquias da diocese de Braga sob o argumento do abandono em que se encontravam, mas com o intuito de diminuir a importância da cidade episcopal e de reforçar a centralidade de Compostela, é um exemplo mais da importância dada à posse das relíquias. Naturalmente que um estudo desta natureza deveria conceder um lugar especial às relíquias da Paixão e ao seu papel na construção do culto das mesmas. E são estes objetos religiosos que Renata Cristina Nascimento aborda no segundo capítulo, chamando a atenção para a importância da Jerusalém cristã bem como para os esforços liderados pelo Papado e pelos reinos do ocidente europeu, para a conquista e ocupação dos espaços de nascimento do cristianismo. E é nessa confluência de um movimento de expansão com uma ideologia de fé e de domínio religioso que a autora equaciona a “descoberta” e a expansão das relíquias da Paixão, com destaque para a coroa de espinhos sacralizada e enaltecida por Luís IX, enquanto símbolo de uma realeza cristã.

A utilização política protagonizada pela monarquia francesa constitui, incontestavelmente, um ponto de passagem para o capítulo seguinte onde Paula Pinto Costa aborda o papel de Vera Cruz do Marmelar, enquanto relíquia protegida pelos Hospitalários e objeto de devoção por parte da monarquia portuguesa do século XIV. Partindo de um diversificado conjunto de fontes e de relatos que cobrem uma cronologia longa, Paula Pinto analisa o processo de construção de culto da Vera Cruz, a interação dos diferentes protagonistas onde se incluem os monarcas portugueses Dinis e Afonso IV, bem como a ordem do Hospital e os interesses de Álvaro Gonçalves Pereira, prior hospitalário e figura chave da linhagem dos Pereira.

Com efeito, a Vera Cruz do Marmelar é um exemplo privilegiado de uma relíquia cujo culto se difundiu sob patrocínio régio e na esteira da proteção dada aos cristãos na batalha do Salado travada em 1340. Tal como a intervenção divina e o patrocínio de S. Tiago tinham propiciado a vitória de Afonso Henriques na batalha de Ourique, de acordo com os relatos elaborados em Santa Cruz de Coimbra com realce para a Vida de S. Teotónio, também em 1340 a presença da relíquia da Vera Cruz, transportada por Álvaro Gonçalves Pereira, tinha assegurado aos cristãos e ao monarca Afonso IV a vitória face aos exércitos inimigos. O culto que a partir daí se expande é reforçado no relato cronístico, tal como Paula Pinto Costa realça.

Sem esgotar a temática, algo que na verdade se revela impossível, o presente livro convoca, assim, o leitor para uma abordagem e reflexão multifacetadas do fenómeno das relíquias e do seu culto no contexto da sociedade medieval. Embora não haja uma opção por um discurso cronológico as autoras fazem incidir o seu estudo sobre diferentes fases do culto das relíquias, chamando a atenção para as condições da sua origem, para a diversidade dos objetos cultuados, para as rotas da sua circulação, para terminarem com a reflexão em torno do fenómeno da sua apropriação política.

Escrito numa linguagem simples e clara, fundamentado numa bibliografia ampla e num corpo de fontes diversificado, a presente obra constitui, sem dúvida, uma leitura agradável, dirigida a um público alargado, e apresenta-se como um contributo para o conhecimento da importância das relíquias e do seu culto no contexto da Idade Média.

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Hermínia Vasconcelos Vilar  
Universidade de Évora (Portugal)